



DIVERSIDADE DE TAREFAS E CRIATIVIDADE NA LEITURA DE CRÔNICAS: uma abordagem transdisciplinar para integrar o cotidiano escolar

Alexmilian Madeira Alonso
Graduado em Letras – Uni-FACEF
alexmilianmadeira@gmail.com

Jhenifer Cristina da Silva Francisco
Graduada em Letras – Uni-FACEF
jhenifercsf@gmail.com

Marinara Seribeli Rufini
Graduada em Letras – Uni-FACEF
marinaraseribeli@gmail.com

Sheila Fernandes Pimenta e Oliveira
Doutora em Linguística e Língua Portuguesa – Uni-FACEF
sheilafacef@gmail.com

Resumo

As abordagens da mídia sobre a educação, especialmente sobre leitura, interpretação e compreensão de textos, resumem-se em notícias que trazem índices negativos de estudantes brasileiros. Também, as várias comunidades que estão envolvidas com a educação, sejam gestores, docentes, pais e estudantes avaliam a qualidade precária do ensino, atualmente. Em uma sociedade de incertezas, de possibilidades de participação digital nos diversos campos sociais, os estudantes desejam mais participação e formas que lhes despertem ampliação de argumentos, ou seja, desejam ser ouvidos. Constitui-se, assim, o problema de pesquisa: quais as possibilidades de práticas pedagógicas mais atraentes e criativas que podem ser desenvolvidas pelos docentes com seus estudantes? Como hipóteses, supõe-se que diversificar, de forma criativa o âmbito acadêmico, a partir da leitura de crônicas, que possibilitam apresentar diversas perspectivas de um assunto pode ser ferramenta de melhoria da leitura e escrita; dar voz aos estudantes, tornando-os protagonistas que devem conjuntamente construir esse conhecimento; trabalhar o conhecimento em perspectiva íntegra e transdisciplinar, ampliando as perspectivas, os conhecimentos que se encontram nas disciplinas, mas também no que está ao em torno delas; e, ainda, levar o cotidiano e as temáticas das vidas dos estudantes para dentro da sala de aula, tornando a escola significativa e representativa, em que os alunos podem se identificar e opinar com base no seu conhecimento de mundo. Diante do contexto, o objetivo geral da pesquisa é apresentar subsídios, para diversificar a prática docente do professor de Língua Portuguesa, em práticas de leituras de crônicas, discutidas, a partir de uma sequência didática, que possibilita trazer o cotidiano para dentro da escola, aplicadas a estudantes dos níveis fundamental e médio, a fim de movimentar o cotidiano escolar e dar voz aos aprendizes. Para tanto, inicialmente, é realizada uma pesquisa de campo, exploratória e qualitativa,

DIVERSIDADE DE TAREFAS E CRIATIVIDADE NA LEITURA DE CRÔNICAS: uma abordagem transdisciplinar para integrar o cotidiano escolar

para investigar como os estudantes avaliam o cotidiano escolar. As respostas são analisadas e estudos sobre disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, nas perspectivas de Fazenda (1979), Moraes (2016), Morin (1996) e D'Ambrósio (1997), para construir reflexões sobre formas diferentes de produção de conhecimento. Em seguida, é feito também um estudo epistemológico sobre criatividade, com base em Pujol (2008) e Sternberg e Lubart (1996). É teorizado o conceito de crônicas, discutindo Jorge de Sá (2008) e selecionada a crônica "Na escola" de Carlos Drummond de Andrade, para sugerir abordagens transdisciplinares e criativas nas leituras. Por fim, com base nos estudos de Dolz; Noverraz e Schneuwly (2004) é delineada uma sequência didática (SD), que resume a proposta do trabalho. Pode-se afirmar que o presente trabalho apresenta contribuições sociais, para retornar aos professores, gestores, estudantes e profissionais da educação, como sugestão sobre em outras práticas pedagógicas atraentes, que podem gerar resultados positivos, em termos de interesses estudantes. E, pessoal, pois, seguramente, contribui para a formação dos licenciandos em Letras, como os pesquisadores do trabalho em questão.

Palavras-chave: Transdisciplinaridade. Criatividade epistemológica. Crônicas. Crônica *Na escola*. Sequência didática.

Abstract

The media's approaches to education, especially about reading, interpreting and understanding texts, are summarized in news stories that bring negative Brazilian student ratings. Also, the various communities that are involved with education, be they managers, teachers, parents and students evaluate the precarious quality of education, currently. In a society of uncertainties, possibilities for digital participation in the various social fields, students want more participation and ways that arouse them broadening of arguments, that is, they wish to be heard. It is thus the research problem: what are the possibilities of more attractive and creative pedagogical practices that can be developed by teachers with their students? As hypotheses, it is assumed that to creatively diversify the academic scope, from the reading of chronicles, that allow to present diverse perspectives of a subject can be tool of improvement of the reading and writing; give voice to the students, making them protagonists who must jointly build this knowledge; working knowledge in perspective integrates and transdisciplinary, broadening the perspectives, the knowledge that is found in the disciplines, but also in what is around them; and to bring the everyday and the themes of the lives of the students into the classroom, making the school meaningful and representative, in which students can identify and express their opinion on the world. In view of the context, the general objective of the research is to present subsidies, to diversify the teaching practice of the Portuguese Language teacher, in practices of chronicle readings, discussed, from a didactic sequence, which makes it possible to bring daily life into the school, applied to students at the



ALONSO, A. M.; FRANCISCO, J. C. S.; RUFINI, M. S.; OLIVEIRA, S. F. P.

elementary and middle levels, in order to move the daily school life and give voice to learners. To do so, initially, a field research, exploratory and qualitative, is carried out to investigate how the students evaluate the daily school life. The answers are analyzed and studies on disciplinarity, interdisciplinarity and transdisciplinarity, in the perspectives of Fazenda (1979), Moraes (2016), Morin (1996) and D'Ambrósio (1997), to construct reflections on different forms of knowledge production. Then, an epistemological study on creativity is made, based on Pujol (2008) and Sternberg and Lubart (1996). The concept of chronicles is theorized, discussing Jorge de Sá (2008) and selected the chronicle "In the school" of Carlos Drummond de Andrade, to suggest transdisciplinary and creative approaches in the readings. Finally, based on the studies of Dolz; Noverraz and Schneuwly (2004) outlined a didactic sequence (SD), which summarizes the work proposal. It is possible to affirm that the present work presents social contributions, to return to the teachers, managers, students and professionals of the education, as suggestion on in other attractive pedagogical practices, that can generate positive results, in terms of student interests. And, personal, therefore, surely, contributes to the formation of the licenciandos in Letters, like the researchers of the work in question.

Keywords: Transdisciplinarity. Epistemological creativity. Chronicles. Chronic On School. Following teaching.

Submissão: 22/10/2018 **Aprovação:** 08/11/2018

1 Introdução

Durante os estudos, no curso de Letras, nas aulas relacionadas aos aspectos didático-pedagógicos, constatou-se que práticas diferenciadas para ensinar e aprender são demandadas no cotidiano escolar.

Também, nos momentos de estágio supervisionado, observou-se o desinteresse dos estudantes da educação básica, pelas aulas e pela escola, o que faz com que futuros docentes se mobilizem, para garantir dinamismo nos processos de ensino e aprendizagem.

Preocupam, ainda, os resultados negativos, obtidos pelos estudantes em avaliações nacionais e internacionais. A atual situação da educação brasileira revela a defasagem e o abismo educacional que permeiam os estudantes, que cada vez menos conseguem atingir os resultados esperados pelos órgãos examinadores, pois quandoos conceitos, habilidades, valores, conhecimentos e as questões da cidadania não são internalizadas pelos estudantes, instantaneamente, geram notas baixas, desmotivação, reprovação e muitas vezes a desistência.

Em pesquisas feitas sobre o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica) e MEC (Ministério da Educação), entre 2016 e 2018, é possível compreender o alarmante declínio educacional. No IDEB, observa-se que "os resultados com os estudantes

DIVERSIDADE DE TAREFAS E CRIATIVIDADE NA LEITURA DE CRÔNICAS: uma abordagem transdisciplinar para integrar o cotidiano escolar

dos anos iniciais (1º ao 5º ano) do ensino fundamental foram os únicos em que as metas ficaram acima do planejado, atingindo 5,8. Nenhum estado atingiu a meta no ensino médio, em que o projetado era 4,7 e foi alcançado 3,8” (RACHID, 2018, online).

Na última etapa da educação básica, quando os estudantes estão a um passo de entrar no ensino superior, a tragédia se completa: em Minas Gerais, 0,84% dos alunos aprendem português como deveriam e 2,1%, matemática. No país e no estado, cerca de 70%, ou seja, sete em cada 10 estudantes, aprendem quase nada nas duas disciplinas, tendo o conhecimento tido como insuficiente (OLIVEIRA, 2018, online).

De acordo com o ministro da Educação, Rossieli Soares, citado por Oliveira (2018, online), “o ensino médio brasileiro revelado pelo Saeb 2017 é um desastre. O desempenho insuficiente dos nossos estudantes, edição após edição da avaliação, confirma a importância das mudanças que trouxemos com o novo ensino médio”.

Diante de uma vasta gama de problemas e déficit educacional, situações problema, de metas não cumpridas e objetivos não estabelecidos, quais as possibilidades de práticas pedagógicas mais atraentes e criativas que podem ser desenvolvidas pelos docentes com seus estudantes?

Com alunos cada vez mais sem perspectiva, seguindo um plano de ensino cada vez mais desmotivante, camuflado pelo fracasso, que traz a frustração e conseqüentemente, a paralisação do aprendizado dos estudantes exige o movimento didático dos docentes.

É certo que os docentes são os grandes responsáveis pela construção crítica, moral e motivacional dos estudantes, cabe a eles a reflexão, a busca por métodos e práticas de ensino que incentivem a mudança coletiva, diante da desmotivação e do fracasso escolar.

Desta forma, é relevante refletir sobre como ampliar as possibilidades de ensino, como resgatar a motivação, os propósitos, e, portanto, neste trabalho, são apresentadas algumas hipóteses a serem trabalhadas com o objetivo de atingir a melhoria da qualidade escolar, por meio do ensino de língua portuguesa.

Diversificar, de forma criativa o âmbito acadêmico, a partir da leitura de crônicas, que possibilitam apresentar diversas perspectivas de um assunto pode ser ferramenta de melhoria da leitura e escrita.

Dar voz aos estudantes, tornando-os protagonistas que devem conjuntamente construir esse conhecimento, cujo o primeiro passo deve partir do docente, porém, a construção, a continuação, o desenvolvimento, vem do conjunto, toda a equipe escolar, fazendo parte da construção de uma nova didática, uma nova perspectiva, trabalhando o conhecimento em perspectiva íntegra e transdisciplinar, ampliando as perspectivas, os conhecimentos que se encontram nas disciplinas, mas também no que está ao em torno delas.



ALONSO, A. M.; FRANCISCO, J. C. S.; RUFINI, M. S.; OLIVEIRA, S. F. P.

Deve-se levar o cotidiano e as temáticas das vidas dos estudantes para dentro da sala de aula, tornando a escola significativa e representativa, em que os alunos podem se identificar e opinar com base no seu conhecimento de mundo.

Diante do contexto, o objetivo geral da pesquisa é apresentar subsídios, para diversificar a prática docente do professor de Língua Portuguesa, em práticas de leituras de crônicas, discutidas, a partir de uma sequência didática, que possibilita trazer o cotidiano para dentro da escola, aplicadas a estudantes dos níveis fundamental e médio, a fim de movimentar o cotidiano escolar e dar voz aos aprendizes.

Para cumprir o objetivo geral, traçaram-se os seguintes objetivos específicos: a) discutir as perspectivas histórica e conceitual sobre disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade; b) conceituar criatividade e sua identidade, de forma acadêmica, para que o conceito permeie a construção das atividades pedagógicas, a serem propostas, no presente trabalho; c) entender a concepção do gênero textual crônica, assim como sua função social; d) ouvir a voz dos estudantes do ensino médio e fundamental, por meio de pesquisa exploratória, a fim de entender como se constitui o cotidiano escolar; e e) propor uma sequência didática, a partir de uma crônica, trazendo, em seguida, questões sociais cotidianas para serem discutidas em sala de aula.

Para tanto, a metodologia é constituída, inicialmente, de uma pesquisa bibliográfica, que reúne resenhas, resultantes de leituras de livros e artigos, para compor a fundamentação teórica e os conceitos sobre disciplinaridade, interdisciplinaridade, estudos epistemológicos sobre criatividade e conceito de crônicas, nas perspectivas dos autores Fazenda (1979), Moraes(2016), Morin (1996), Sá (2008), dentre outros. Após a pesquisa bibliográfica, é apresentada uma sequência didática, com base teórica em Schneuwly, Dolz e colaboradores (2004), a partir de uma crônica de Carlos Drummond de Andrade – “Na escola”, que desencadeia em uma atividade linguística de oralidade, trazendo como contribuição os olhares para as diferenças e as várias perspectivas sobre temáticas do cotidiano. Para tanto, consideram-se os contextos transdisciplinar e criativo que as atividades exigem.

Quanto à estrutura, no capítulo 2, apresenta-se o resultado de uma pesquisa de campo exploratória, em duas instituições públicas, com estudantes do 9º ano do ensino fundamental e da 3ª série do ensino médio, para saber os interesses e desinteresses deles em relação à escola e ao ensino.

No capítulo 3, são apresentadas balizas teóricas sobre disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. São apontadas concepções pontuais sobre disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, diferindo-se de cada uma delas e acrescentando comentários de Fazenda (1979) e Moraes (2016), não deixando de dar maior espaço para a transdisciplinaridade, a qual utilizamos de referência para a atividade em questão, no capítulo 5.

No capítulo 4, são feitos apontamentos pelo olhar da epistemologia da criatividade e qual a sua relação com o ensino, afinal, epistemologia é o ramo da

DIVERSIDADE DE TAREFAS E CRIATIVIDADE NA LEITURA DE CRÔNICAS: uma abordagem transdisciplinar para integrar o cotidiano escolar

filosofia que se ocupa do estudo de toda a Teoria do Conhecimento. Levando em conta, seu histórico da epistemologia, estudos feitos por Pujol (2008), além de outros, como Sternberg e Albert Runco (1999).

No capítulo 5, é proposta uma atividade com base na transdisciplinaridade e na criatividade. É delineada uma sequência didática. Ainda, é definido o conceito de crônica, com base nos estudos de Sá (2008), José Marques de Melo e Coutinho (2005), e apresentada a crônica “Na escola” de Carlos Drummond de Andrade. Por meio da sequência, o estudante sai da rotina escolar e traz a vida para a sala de aula, pois é levado a pensar como um ser humano que está inserido em uma sociedade, através da mistura de disciplinas, e a contextualização para o seu estudo, melhorando sua participação, significativamente. É a oportunidade de ter voz.

Para atender aos interesses dos estudantes, constata-se que é possível práticas diferenciadas e interessantes no processo de ensino e aprendizagem e que dão voz e protagonismo aos estudantes. O docente para a ser um mediador na construção do conhecimento.

Nesse sentido, o presente trabalho apresenta duas contribuições. Uma social, para retornar aos professores, gestores, estudantes e profissionais da educação, como sugestão sobre em outras práticas pedagógicas atraentes, que podem gerar resultados positivos, em termos de interesses estudantes. E, outra, pessoal, pois, seguramente, contribui para a formação dos licenciandos em Letras, como os pesquisadores do trabalho em questão.

2 O cotidiano escolar nas vozes estudiantis

O objetivo do capítulo é apresentar uma pesquisa de campo exploratória, realizada com estudantes da educação básica, que teve como proposta ampliar o olhar sobre o cotidiano escolar, naquilo que se repete ou não, e verificar como é possível movimentar as atividades escolares, para subsidiar reflexões e ações aos docentes de Língua Portuguesa no ensino médio. Entende-se por pesquisa exploratória, o que diz Gil (1999, p.43):

Pesquisa exploratória um trabalho é de natureza exploratória quando envolver levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram (ou têm) experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão. Possui ainda a finalidade básica de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias para a formulação de abordagens posteriores. Dessa forma, este tipo de estudo visa proporcionar um maior conhecimento para o pesquisador acerca do assunto, a fim de que esse possa formular problemas mais precisos ou criar hipóteses que possam ser pesquisadas por estudos posteriores.

Esta pesquisa teve como ideia ampliar a visão sobre o tema proposto, a fim de levantar os diversos aspectos que os estudantes trazem sobre a escola,

[Digite texto]



ALONSO, A. M.; FRANCISCO, J. C. S.; RUFINI, M. S.; OLIVEIRA, S. F. P.

evidenciando detalhes relevantes, para tornar possível a elaboração de novos estudos e pesquisas.

A pesquisa foi realizada em duas escolas, sendo uma que acolhe alunos do 6º ano ao 9º anos, e a outra, que acolhe alunos de 1ª a 3ª anos do ensino médio.

No dia da coleta de dados, na primeira escola, na sala havia menos que 20 estudantes. Na escola, há um grande pátio, mas sem muitos bancos, é uma escola pequena, de periferia, muito organizada, com alunos carentes de aprendizado diferenciado.

Na segunda escola, havia bem mais alunos em sala, aproximadamente 35 em cada sala de aula. É uma escola relativamente grande, com vários acentos, bancos, bem ampla, com um grande pátio para os alunos e muito bem protegida também.

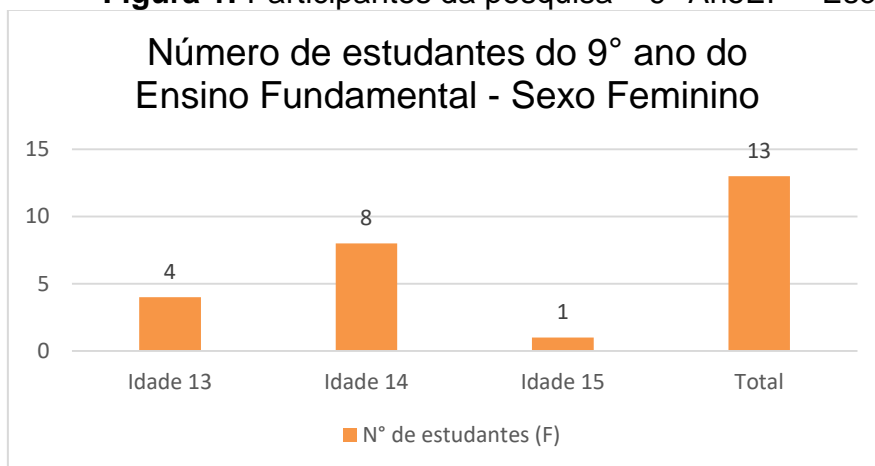
Os pesquisadores foram recebidos afetosamente nas duas instituições, sendo elas instituições públicas, a primeira municipal, e a segunda, estadual.

2.1 Participantes de pesquisas

Na escola 1, foram 13 participantes do sexo masculino do 9º ano e 13 do sexo feminino do 9º ano.

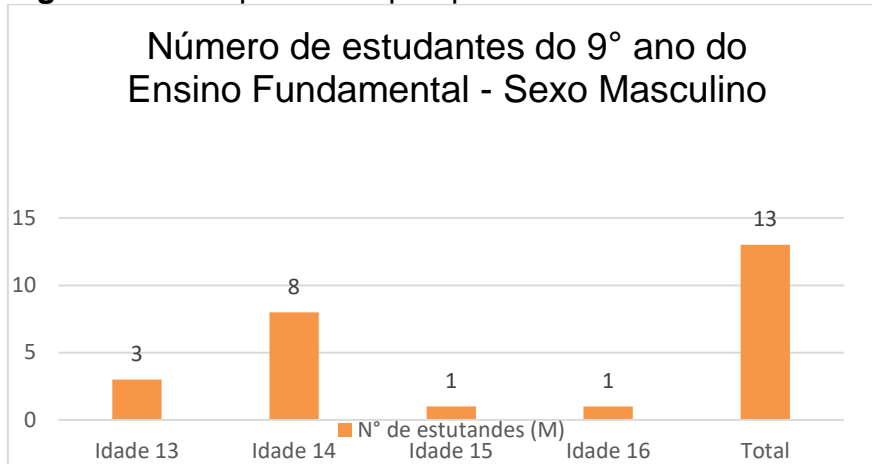
Na escola 2, foram 106 participantes; 53 do sexo feminino do 3º ano e 27 do sexo masculino do 3º ano.

Figura 1: Participantes da pesquisa – 9º AnoEF – Escola 1



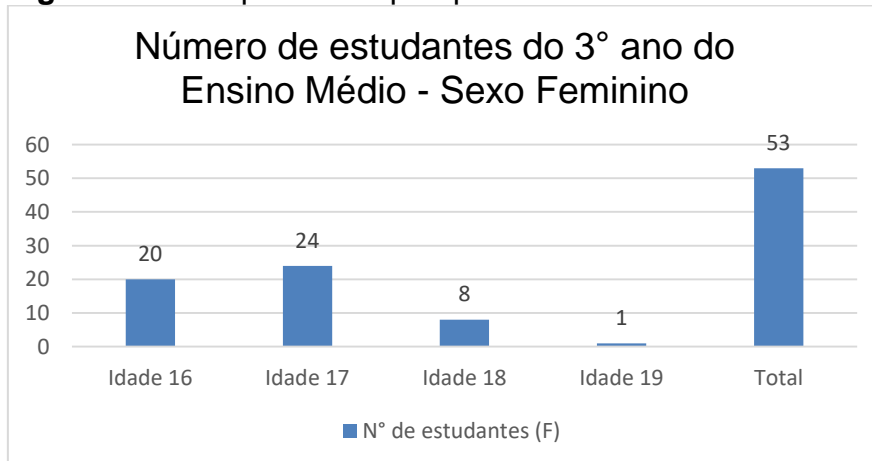
Fonte: Elaborada pelos próprios pesquisadores.

Figura 2: Participantes da pesquisa – 9º Ano EF – Escola 1



Fonte: Elaborada pelos próprios pesquisadores.

Figura 3: Participantes da pesquisa – 3º Série EM – Escola 2



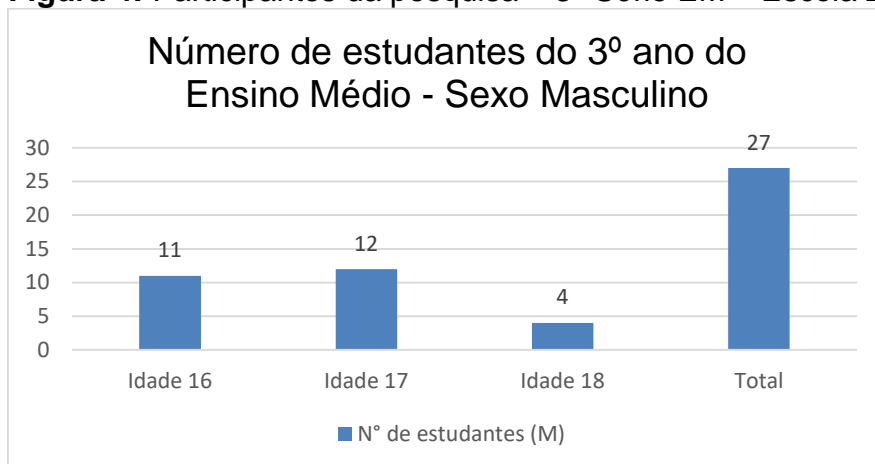
Fonte: Elaborada pelos próprios pesquisadores.

[Digite texto]



ALONSO, A. M.; FRANCISCO, J. C. S.; RUFINI, M. S.; OLIVEIRA, S. F. P.

Figura 4: Participantes da pesquisa – 3º Série EM – Escola 2



Fonte: Elaborada pelos próprios pesquisadores.

Como se pode observar, há, na pesquisa, uma representatividade de 50% de estudantes de cada um dos gêneros, dos gêneros masculino e feminino, no 9º ano do ensino fundamental.

No 3º ano do ensino médio, os respondentes são 66% do gênero feminino e 34% do gênero masculino.

2.2 Instrumento de coleta de dados

Para a coleta de dados, foi elaborado pelos pesquisadores um questionário comum, empregado para os 9º e 3º anos, conforme roteiro seguinte:

DIVERSIDADE DE TAREFAS E CRIATIVIDADE NA LEITURA DE CRÔNICAS: uma abordagem transdisciplinar para integrar o cotidiano escolar

Uni-FACEF

Pesquisa de Campo – TCC
Objetivo: refletir sobre o cotidiano escolar e as possibilidades de diversificar as atividades escolares.

SEXO () IDADE ()

QUESTIONÁRIO:

1-Relate o seu cotidiano na escola, desde o momento em que você chega à escola até a saída.
R-

2-Qual o momento mais interessante no seu cotidiano escolar? Comente o porquê.
R-

3-E o mais desinteressante? Por quê?
R-

4-O que você mudaria nas aulas? Descreva.
R-

O questionário foi empregado porque, de acordo com Richardson (1999, p.190):

Importante função dos questionários é a medição de variáveis individuais ou grupais. Tais questionários podem incluir perguntas unidimensionais. Por exemplo: “qual é a sua opinião sobre os atuais partidos políticos brasileiros?”, ou perguntas múltiplas: vários itens estreitamente ligados à problemática estudada, geralmente construídos em forma de escalas. Esse último tipo de questionários é utilizado para medir diversos fenômenos atitudinais, tais como alienação, autoritarismo, religiosidade etc.

No caso da presente pesquisa, havia uma questão fechada e quatro questões abertas, com a finalidade de oportunizar, aos estudantes, maior liberdade de respostas.



2.3 Análise das respostas dos estudantes do 9º e 3º anos

Para responder ao questionário, os estudantes gastaram, em média, de 10 a 15 minutos. Não houve dúvida quanto às questões.

Os questionários foram aplicados pelos próprios pesquisadores, após a autorização da gestora da Escola. O aceite não é anexado aqui, a fim de garantir o sigilo das escolas e dos participantes. Assim, às escolas, foi garantido o sigilo em relação a nomes e outros identificadores. Os documentos assinados encontram-se em posse dos estudantes.

2.3.1 Análise das respostas dos estudantes dos 9º ano do ensino fundamental – Escola 1

Na primeira questão, foi solicitado que os alunos relatassem o seu cotidiano escolar, desde a chegada à escola até a saída, com o objetivo de saber mais sobre o cotidiano dos estudantes, para entender sobre a rotina e como os estudantes interpretam o seu cotidiano escolar.

Os estudantes têm rotinas parecidas, em grande parte chegam, interagem, alguns tomam o café da manhã em casa e outros comem eoram na escola quando chegam. Vão para a salas, estudam. Em seguida, descem para o intervalo, voltam para a classe e depois vão embora.

Eu chego na escola, pego um pão com leite e vou sentar para comer. Bate o sinal e vamos rezar, e depois vamos para a sala de aula. Depois de três aulas, temos o recreio e depois voltamos a estudar; depois de duas aulas, vamos embora (Feminino, 14 anos).

O meu dia a dia na escola é normal, chego e converso com meus colegas, depois vou para fila e rezamos; depois vamos para a sala e lá ficamos até o recreio. No recreio comemos, conversamos, depois do sinal formamos outra fila e voltamos para a sala (Masculino, 14 anos).

Na segunda questão, é pedido que os alunos comentem qual o momento mais interessante em seu cotidiano e escolar e comentem o porquê.

O momento de mais interesse dos estudantes está relacionado às aulas das disciplinas de que eles mais gostam, por exemplo: Educação Física (5).¹ Responderam, ainda, que isso também se relaciona com os professores de tais disciplinas que trazem a atenção e o interesse dos estudantes durante a aula.

Também, no total de três alunos, responderam que estar com os colegas, conversar e interagir com eles. Com algumas exceções de alguns estudantes que responderam “quando falta professor” (1) e outros dois “a hora de ir embora”.

¹Quantidade de alunos

DIVERSIDADE DE TAREFAS E CRIATIVIDADE NA LEITURA DE CRÔNICAS: uma abordagem transdisciplinar para integrar o cotidiano escolar

Educação Física, pois, praticamos esportes e brincamos todos juntos (Masculino, 14 anos).

Quando falta professor porque nós podemos ficar mais sossegados ou quando o professor vem dar a matéria, mas no final nos deixa descansar (Feminino, 14 anos).

Assim como na questão dois, questionamos também o momento mais desinteressante e por quê?

O que mais desinteressa os alunos é a maneira como a maioria dos professores conduz as aulas, que são chatas, entediantes, e não despertam o interesse de aprender a disciplina.

Outro ponto citado está na questão da infraestrutura escolar, locais, lousas, janelas, paredes e a falta de bancos, para se sentarem na hora do intervalo, pedem um melhor ambiente escolar.

Algumas exceções de respostas como “aulas seguidas do mesmo professor” (1), “quando o professor dana com os alunos” (1), “ter que ir de uniforme” (1) e “ter que ir para escola (acordar cedo)” (3)

Os professores faltam muito, isso prejudica muito, bagunça a cabeça dos alunos. A escola aparece cada dia mais cheia de grades, a quadra é muito suja, às vezes não dá pra usar, faltam bancos para sentar enquanto comemos (Feminino, 14 anos).

Na última questão, foi pedido que os alunos descrevessem o que eles mudariam, nas aulas de acordo com suas necessidades.

Grande parte (8), pede aulas mais dinâmicas, divertidas, algo que os tirem da rotina, ter mais aulas práticas, poder ter mais liberdade dentro da sala de aula.

Parte dos estudantes do sexo masculino (9), responderam ter mais educação física, a qual se volta na questão de ter mais liberdade, e uma aula mais dinâmica, que os tirem da sala de aula, mais voz e tempo de conversa, e novamente voltam à questão da infraestrutura, falam sobre ar condicionado, lousa digitais, etc.

Algumas exceções como o fato de as aulas serem muito cedo, e poderiam chegar mais tarde, e oito responderam que não mudariam nada.

Teria mais Educação Física (Masculino, 13 anos).

Eu daria mais liberdade para os alunos e mais aulas práticas (Feminino, 14 anos).

Deveria ser mais legal, conversar mais com os alunos (Feminino, 14 anos).

2.3.2 Análise das respostas dos estudantes do 3º ano do Ensino Médio – Escola 2



ALONSO, A. M.; FRANCISCO, J. C. S.; RUFINI, M. S.; OLIVEIRA, S. F. P.

Assim como na Escola 1, na primeira questão foi solicitado que os alunos relatassem o seu cotidiano escolar, desde a chegada à escola até a saída.

De forma geral, os estudantes seguem uma rotina, ao chegarem na escola, salvo algumas individualidades, eles chegam, interagem entre si, vão para as salas, conversam, fazem as atividades. Saem para o recreio, voltam e esperam a hora de ir embora. (Alguns deles descreveram como acordam, se tomam café ou não e como vão embora.)

Chego na escola, às vezes tomo café da manhã que a escola fornece, estudo e converso com os amigos (Masculino, 17 anos).

Eu acordo às "6 horas, me arrumo e venho de ônibus ou bicicleta, assisto às aulas e vou embora (Feminino, 16 anos).

Acordo, tomo banho, arrumo o cabelo, escovo os dentes, tomo café da manhã, depois pego o ônibus e venho para a escola e estudo; 12h20 vou para o curso (Feminino, 16 anos).

Na segunda questão, é pedido que os alunos comentem qual o momento mais interessante em seu cotidiano e escolar e o porquê.

Majoritariamente, o momento mais interessante para os estudantes é a hora do recreio, e a aula de Educação Física, é quando se distraem mais, interagem profundamente, descansam, comem e têm diversão. Já a minoria (15) explicitou disciplinas específicas como Matemática, Geografia etc.

A hora do recreio, pois, é a hora que eu me alimento e converso com meus amigos e descanso minha mente antes de voltar para a aula (Masculino, 16 anos).

A hora do intervalo, pois funciona como um tempo para descansar (Feminino, 18 anos).

Assim como na questão três, questionamos também o momento mais desinteressante e por quê?

Os estudantes consideram duas coisas mais desinteressantes, que são: as aulas em si, por serem monótonas, entediadas e não despertarem sua atenção e a indisciplina dentro da sala de aula, feita pelos próprios colegas de turma.

Há, ainda, algumas reclamações sobre as brigas, professores substitutos, a falta do que fazer em sala o que também desinteressa eles.

A conversa dos alunos, porque atrapalha na hora de ouvir o professor (Feminino, 17 anos).

Aulas chatas que é sempre a mesma coisa, tem que dar um jeito de ser mais interessantes pra chamar a atenção de todos (Masculino, 17 anos).

Na última questão, foi pedido que os alunos descrevessem o que eles mudariam nas aulas, de acordo com suas necessidades

DIVERSIDADE DE TAREFAS E CRIATIVIDADE NA LEITURA DE CRÔNICAS: uma abordagem transdisciplinar para integrar o cotidiano escolar

Eles reivindicam aulas práticas, conteúdos diversificados, aulas externas, passeios, viagens, professores mais dedicados e interessados em ensiná-los, também abordam o comportamento dos colegas, o barulho durante as aulas, professores que desviam muito do assunto da aula, falando de suas vidas pessoais, fora do contexto escolar.

Alguns estudantes (5) levantaram a questão do ambiente onde estudam, falam sobre mudar as lousas, carteiras, ventiladores, etc. O que proporcionaria um melhor ambiente para a aprendizagem.

Gostaria de mais aulas práticas e explicadas de maneira mais animada e aulas externas (Feminino, 17 anos).

Preferia que as aulas fossem mais interativas, que tivessem mais meios para os alunos aprenderem, que os professores nos vissem como adolescentes que querem aprender e não só pessoas que estão na aula por obrigação (Feminino, 17 anos).

Mudaria a didática e alguns professores (Masculino, 18 anos).

Eu colocaria mais interatividade nas aulas, como por exemplo, as aulas de Português poderiam ter um dia com uma roda de leitura ao ar livre e a mesma coisa com as outras matérias... (Masculino, 16 anos).

Foi observado, de acordo com a pesquisa exploratória, que há uma necessidade de manutenção estrutural nas escolas, para melhorar o bem-estar dos alunos, que em sua maioria reivindicaram lousas mais modernas, carteiras e cadeiras novas, limpeza nas dependências escolares. Ao analisarmos as vozes dos estudantes, diante o questionamento proposto pelos pesquisadores, que há o desejo por mais conhecimento e aprendizado, porém é necessário um pouco de motivação para estes alunos, como eles mesmos propuseram, aulas mais práticas e dinâmicas, compreensão e empatia, afim de estabelecer uma relação saudável entre aluno e professor e, principalmente, a ansia por que suas vozes sejam ouvidas como seres pensantes capazes de ter uma participação muito mais significativa no âmbito acadêmico.

3 Concepções pontuais sobre disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade

O objetivo do presente item é traçar abordagens teóricas pontuais e breves, sobre disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, como parâmetro para a aplicação na abordagem prática do trabalho, docente.

3.1 Disciplinaridade



ALONSO, A. M.; FRANCISCO, J. C. S.; RUFINI, M. S.; OLIVEIRA, S. F. P.

Embora o sistema de disciplinas científicas tenha surgido no século XVIII (LENIOR apud BASTOS, 2018), a disciplinaridade teve sua origem no século XVI, com Galileu Galilei, este, ao criar a ciência ocidental, propôs alterar o estudo da realidade em toda a sua complexidade, adotando perspectivas definidas que permitissem a criação de modelos, com base na percepção racional dos aspectos materiais observados nos fenômenos. Desse modo, ao invés de levar em conta uma quantidade exorbitante de variáveis de diversas naturezas, esse recorte da realidade permitiria maximizar a atenção em aspectos mais específicos.

Este pensamento de transformar a realidade em partes menores, que poderiam posteriormente ser reagrupadas, surgiu com base numa visão mecanicista, que interpretava o mundo como uma grande máquina, que poderia ser desmontada, de modo a serem estudadas isoladamente, mais facilmente. Essa visão levou à criação de muitas disciplinas, superespecializadas, que enfatizavam a fragmentação da realidade como estratégia para facilitar sua compreensão.

Deste modo, mais do que um conjunto de conteúdo, leis e teorias que podem ser transmitidos, uma disciplina gera a escolha de uma perspectiva de abordagem dos fenômenos que orientam sua visão, gerando uma forma altamente racional e abstrata de estudar a realidade.

A pesquisa disciplinar diz respeito, no máximo, a um único e mesmo nível de Realidade; aliás, na maioria dos casos, ela só diz respeito a fragmentos de um único e mesmo nível de Realidade (NICOLESCU, 1999).

É necessário frisar que, durante o processo de modelização, o que guia os professores é o seu conhecimento disciplinar. Através disto, necessita-se ter consciência dos diversos aspectos envolvidos, na sua forma disciplinar de atuar, além de um conhecimento mínimo dos conceitos fundamentais e de como recortar a realidade que é adotada pelas demais disciplinas, assim tornando possível interagir durante esse processo. Desta maneira, trabalhando com os fragmentos que fazem parte de um mesmo nível de realidade.

3.2 Interdisciplinaridade

A Interdisciplinaridade diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra. Podemos distinguir três graus de interdisciplinaridade: 1º) um grau de aplicação. Por exemplo, os métodos da física nuclear transferidos para a medicina levam ao aparecimento de novos tratamentos para o câncer; 2º) um grau epistemológico. Por exemplo, a transferência de métodos da lógica formal para o campo do direito produz análises interessantes na epistemologia do direito; 3º) um grau de geração de novas disciplinas. Por exemplo, a transferência dos métodos da matemática para o campo da física gerou a física matemática; os da física de partículas para a astrofísica, a cosmologia quântica; os da matemática para os fenômenos meteorológicos ou para os da bolsa, a teoria do caos; os da Informática para a arte, a arte informática. Como a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade ultrapassa as disciplinas, mas sua finalidade também permanece inscrita na

DIVERSIDADE DE TAREFAS E CRIATIVIDADE NA LEITURA DE CRÔNICAS: uma abordagem transdisciplinar para integrar o cotidiano escolar

pesquisa disciplinar. Pelo seu terceiro grau, a interdisciplinaridade chega a contribuir para a expansão disciplinar (NICOLESCU, 1999).

Numa abordagem interdisciplinar, segundo Fourez (apud BASTOS, 2018) o objetivo é construir representações de situações específicas, utilizando os conhecimentos das diversas disciplinas, de forma articulada. Para que isso ocorra, seria necessário que especialistas partissem da modelização de uma situação-problema, para planejar, de forma simultânea e coletiva, as ações a serem desenvolvidas nas diversas disciplinas. Dessa maneira, espera-se compreender a situação, de um modo mais abrangente. Assim, a abordagem interdisciplinar se apoia numa visão de mundo que considera que as diversas partes da realidade interagem entre si, não sendo possível compreender um sistema complexo com base na compreensão de suas partes isoladas.

Ao utilizá-la numa prática interdisciplinar, o estudante precisa articular os conceitos de diversas disciplinas, criando um significado a novas situações. A aula precisa ser desenvolvida de modo a permitir uma reflexão sobre suas ideias, em seguida tentando aplicá-las em situações específicas e avaliando o resultado de suas tentativas, o que não se encaixa com a exclusiva utilização da aula expositiva. Esta, contudo, ainda é viável para iniciar sequências didáticas e sistematizar os resultados obtidos pelos estudantes em outras atividades (FOUREZ apud BASTOS, 2018).

A interdisciplinaridade é vista como uma atitude, em que essencialmente necessita-se da humildade, transcrita na fragilidade da dimensão individual, buscando soluções e produzindo conhecimentos, facilitando o diálogo, devido a pré-disposição existente para ele. É então a "atitude de abertura frente ao problema do conhecimento" (FAZENDA, 1979, p. 39).

Atitude de busca de alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de espera perante atos não-consumados; atitude de reciprocidade que impele à troca, ao diálogo com pares idênticos com pares anônimos ou consigo mesmo; atitude de humildade diante da limitação do próprio saber; atitude de perplexidade ante a possibilidade de desvendar novos saberes; atitude de desafio diante do novo, desafio de redimensionar o velho; atitude de envolvimento e comprometimento com os projetos e as pessoas neles implicadas; atitude, pois, de compromisso de construir sempre da melhor forma possível; atitude de responsabilidade, mas, sobretudo de alegria, revelação, de encontro, enfim, de vida (FAZENDA, 1991, p. 14).

Para Fazenda (1991, p. 83), "numa sala de aula interdisciplinar, todos se percebem e se tornam parceiros. Parceiros de quê? Da produção de um conhecimento para uma escola melhor, produtora de homens mais felizes". Como a interdisciplinaridade carrega em si a marca do viver, é através dela – na vida que a atitude interdisciplinar está presente. Com esta visão diante do saber, temos condições de "substituir uma concepção fragmentada para a unitária do ser humano" (FAZENDA, 1979, p. 8).



3.3 Transdisciplinaridade

A transdisciplinaridade, como o prefixo “trans”, diz respeito àquilo que está simultaneamente entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu foco é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

Transdisciplinaridade significa ir mais além do que foi dado e herdado de antemão, acercar-se de mistério humano, transgredir fronteiras do conhecimento oficial e atrever-se a aventurar-se, a explorar novos territórios, sendo conscientes de que nada sabemos (MORAES, 2016 p 126).

Haveria algo entre e através das disciplinas e além delas? Na visão do pensamento clássico, não há nada, absolutamente nada. O espaço em questão é vazio, totalmente vazio, como o vazio da física clássica. Mesmo renunciando à visão piramidal do conhecimento, o pensamento clássico vê que cada fragmento da pirâmide, gerado pela expansão disciplinar, como uma pirâmide inteira; cada disciplina proclama que o campo de sua atuação é infinito. Para o pensamento clássico, a transdisciplinaridade é um inconcebível porque não tem objeto. Para a transdisciplinaridade, por sua vez, o pensamento clássico não é inconcebível, mas sua área de aplicação é considerada como restrita (NICOLESCU, 1999).

Diante de vários níveis de Realidade, a divisão entre as disciplinas e além delas está cheia como o espaço está cheio de todo tipo de matéria: dos planetas, estrelas e astros celestes, aos meteoros e cometas que vagam pelo espaço. A estrutura descontínua dos níveis de Realidade determina a estrutura descontínua do espaço transdisciplinar, que, por sua vez, explica porque a pesquisa transdisciplinar é radicalmente distinta da pesquisa disciplinar, mesmo sendo complementar a esta (NICOLESCU, 1999).

A transdisciplinaridade se interessa pela dinâmica criada pela ação de vários níveis de realidade ao mesmo tempo. A descoberta desta dinâmica passa necessariamente pelo conhecimento disciplinar. Embora a transdisciplinaridade não seja uma nova disciplina, nem uma nova hiperdisciplina, alimenta-se da pesquisa disciplinar que, por sua vez, é iluminada de maneira nova e fecunda pelo conhecimento transdisciplinar. Neste sentido, as pesquisas disciplinares e transdisciplinares não são antagonistas, mas complementares. Os três pilares da transdisciplinaridade os níveis de realidade, a lógica do terceiro incluído e a complexidade determinam a metodologia da pesquisa transdisciplinar (NICOLESCU, 1999).

Autores como Morin (1996) apontam a transdisciplinaridade como a saída para lidar com as situações complexas. Para Fourez (apud BASTOS, 2018) uma abordagem transdisciplinar ocorre quando utilizamos noções, métodos, competências e abordagens próprias de uma disciplina dentro da estrutura de uma outra e com um novo contexto. Nesse caso, essas abordagens ou esses conceitos são chamados de transversais e podem ser considerados segundo duas

DIVERSIDADE DE TAREFAS E CRIATIVIDADE NA LEITURA DE CRÔNICAS: uma abordagem transdisciplinar para integrar o cotidiano escolar

perspectivas: na visão platônica, esses conceitos e essas abordagens existem independentemente de contextos, devendo ser transmitidos, de forma geral ou abstrata; já na visão construtivista, ocorre a transferência de uma disciplina para outra, através da modelização de um núcleo, que será transposto, e de uma adaptação posterior ao plano do contexto.

Seguindo esta linha de pensamento, uma escola transdisciplinar se torna o espaço, onde é possível assumir, pensar, atuar e comprometer-se do modo mais humano do humano, sendo mais sensível, profundo e essencial nos caracterizando de maneira individual e complexa com permanente interação entre natureza e sociedade (MORAES, 2016).

Dito isso, para esclarecer um pouco mais a caracterização criativa e transdisciplinar da escola do futuro, as reflexões que sucintamente oferecemos não resultam de especulações, tampouco exclusivamente de novos olhares mais integrados e ecossistêmicos. Resultam, sobretudo da reflexão sobre as experiências educacionais e de aprendizagem das quais temos participado seja como alunos, seja como docentes/educadores (MORAES, 2016, p. 128).

Na presente investigação, a transdisciplinaridade é vista como o diálogo entre várias disciplinas como a didática, a prática de ensino, a literatura, a sociologia, a filosofia, dentre outras, como forma de abordagem de um texto para a formação de competência em leitura de forma atrativa e criativa.

4 Para uma epistemologia da criatividade: apontamentos

O objetivo deste capítulo é fazer apontamentos pelo olhar da epistemologia da criatividade e como isso tem relação com o ensino. O conceito de Epistemologia pode ser compreendido como o ramo específico da filosofia que tem por objetivo o estudo da natureza do conhecimento, da justificação e da racionalidade da crença e dos sistemas de crenças, ou seja, de tudo que se entende sobre a complexidade da Teoria do Conhecimento (MACIEL, 2018, online).

4.1 Histórico

Enquanto objetividade e subjetividade se mantêm como polos alheios entre si, o conhecimento empírico e o racional se misturam em diferentes proporções. Esses fundamentos levaram à ideia de que existe uma lógica da descoberta, sendo, essa última, fruto da metodologia (MEHEUS; NICKLES apud PINHEIRO; CRUZ, 2009).

Passa-se, portanto, para a sequência histórica do conhecimento em criatividade, no intuito de esclarecer contradições e distinguir os principais apontamentos. Dessa forma, pela primeira vez emerge a noção de mérito na criação, atualmente amplamente difundida através dos termos “utilidade” e “aceitabilidade”. Após certo tempo, já sob influência do romantismo, o século XVIII



ALONSO, A. M.; FRANCISCO, J. C. S.; RUFINI, M. S.; OLIVEIRA, S. F. P.

acaba com quatro pressupostos básicos a respeito da criatividade: 1) que genialidade não é algo sobrenatural; 2) que genialidade é uma exceção, porém, potencial de todos; 3) que talento e genialidade são características distintas e; 4) que o talento e a genialidade dependem do ambiente político em que a pessoa se insere (ABERT; RUNCO apud PINHEIRO; CRUZ, 2009).

O segundo grande viés epistemológico da criatividade, inicialmente no século XX, é inaugurado por volta de 1900, utilizando-se da teoria psicodinâmica de Sigmund Freud. Tal proposta sugere que escritores, artistas e demais pessoas manifestam a criatividade como um produto público e aceitável de desejos inconscientes (STERNBERG; LUBART apud PINHEIRO; CRUZ, 2009).

Tendo em vista o histórico sobre criatividade, é possível compreender a relevância de sua evolução e a relação de seus quatro pressupostos, para a compreensão da nova visão epistemológica que, em seu decorrer, carrega nomes como Sigmund Freud, que junto a outros, desempenharam papéis fundamentais no seu desenvolvimento, possibilitando sua reflexão em diversas áreas inclusive na área da educação e ensino.

4.2 Concepções breves

O objetivo do item é trazer à luz uma visão geral das concepções referentes à epistemologia da criatividade.

O mesmo raciocínio de que quanto mais alternativas, maior será a chance de obtenção de uma resposta criativa, é o que caracteriza a técnica de brainstorming, desenvolvida por Sternberg e Lubart (apud PINHEIRO; CRUZ, 2009), representantes da epistemologia pragmática da criatividade. Conforme os autores, essa abordagem de pensamento visa primariamente ao desenvolvimento da criatividade e, somente quando possível, sua compreensão, deixando de lado a necessidade de validade científica em seus métodos. Recorrentes, no meio empresarial, existem diversos métodos de estímulo perante à solução criativa de problemas, os quais podem ser classificados como “intuitivos”, “sistemáticos”, “heurísticos” e “orientados” (PINHEIRO, 2004).

Apesar de uma teoria psicológica e estudos de validação não serem condição “*sine qua non*”² para a sua efetividade, essas práticas reforçam conceitos e estereótipos, muitas vezes, precipitados, o que, ao mesmo tempo, contribui para o sucesso comercial da criatividade e para a degradação da sua objetividade (STERNBERG; LUBART apud PINHEIRO; CRUZ, 2009).

As epistemologias contemporâneas da criatividade diferenciam-se, sobretudo, através do corte das características funcionais e elementares do seu fenômeno, tais como a pessoa criativa, o produto criativo, o processo criativo e o ambiente criativo (ZORBAL; BASSO apud PINHEIRO; CRUZ, 2009). Distintos,

²*Sine qua non* ou *conditio sine qua non* é uma expressão que se originou do termo legal em latim que pode ser traduzido como “sem a/o qual não pode ser”.

DIVERSIDADE DE TAREFAS E CRIATIVIDADE NA LEITURA DE CRÔNICAS: uma abordagem transdisciplinar para integrar o cotidiano escolar

porém derivados de uma mesma ideia que exige a pesquisa exaustiva e objetiva da criatividade, os cinco vieses contemporâneos serão tratados com mais detalhamento, uma vez que seus proponentes são os protagonistas desse enredo. Tanto essas falhas, quanto a falta de proximidade entre as principais epistemologias objetivas da criatividade tornam o conceito de criatividade difuso e, muitas vezes, restrito. De fato, é coerente a compreensão de que o uso popular do termo “criatividade” tende mais para as definições sobrepostas e reforçadas do polo subjetivo da psicologia, que para algum dos vieses divergentes entre si da pesquisa objetiva.

Portanto, não proclamamos uma mudança de fora para dentro, trabalhada em estratégias e técnicas fragmentadas e destituídas de sentido, pois, como orienta Pujol (2008), a ideia desse novo paradigma não é encontrar uma forma de transformar o indivíduo, por meio da educação, e sim de ensiná-lo a desenvolver competências, partindo de suas próprias capacidades. Para tanto, complementa a autora, necessitamos de “um olhar criativo que nos faça capaz de encontrar cada uma das singularidades de nossas crianças, fazendo de nossa ação docente uma forma de reforço e de tomada de consciência das potencialidades de cada um deles” (PUJOL, 2008, p. 345).

Ainda referenciando os ditos de Pujol (2008, p. 335-336), tratamos de um campo de estudos emergente que instaura, inspira e fortalece uma concepção de vida e de educação que “vai além de uma moda ou forma de interpretar e construir disciplinas”, de recursos “que até hoje eram a única forma de estruturar a aprendizagem”; tampouco se trata de uma nova didática que traz subjacente a intenção de desvalidar os saberes existentes para “facilitar a interiorização de conhecimentos”.

Entende-se que as concepções da epistemologia da criatividade têm papel fundamental para o desenvolvimento e o entendimento dos estudantes diante das disciplinas escolares, que, por meio da educação, é possível incentivar o indivíduo a desenvolver competências, através de suas próprias capacidades, mas, para isso, é crucial que o incentivo criativo esteja sempre presente, podendo ser trabalhada em todos os níveis, auxiliando os processos de ensino e tornando mais simples a interiorização de conhecimentos, tanto para estudantes como os próprios professores.

Na presente pesquisa, a epistemologia da criatividade é considerada, então, a articulação, o diálogo entre aspectos objetivos, promovidos pelo professor, no momento da aprendizagem, assim como aspectos subjetivos, exigidos dos estudantes, a partir de competências e talentos que já trazem em si, de outras experiências e vivências.

5 Leituras de crônicas em pauta: a transdisciplinaridade e a criatividade



ALONSO, A. M.; FRANCISCO, J. C. S.; RUFINI, M. S.; OLIVEIRA, S. F. P.

O objetivo deste capítulo é propor uma atividade completa para o ensino de língua portuguesa, de forma que este seja criativo e transdisciplinar.

Como dito anteriormente, a transdisciplinaridade é um conjunto de técnicas e estratégias que o estudante adquire, e que mobiliza essas estratégias e técnicas em um determinado momento com o objetivo de resolver uma situação problemática na sua cotidiana. Envolve disciplinas e o que está em torno delas.

Para tratar de tarefas diversificadas, sugerimos uma sequência didática diferenciada daquelas que se observa nas escolas atuais e que foram comentadas pelos estudantes na pesquisa de campo com os 9º anos e as 3ª series do ensino médio.

Propomos uma sequência didática, a partir do conteúdo de uma crônica, dando vida a esta crônica, partindo do princípio de que crônica se trata de um texto que traz uma discussão do cotidiano, que pode acontecer com qualquer pessoa, quando o leitor interage com essa crônica, ele se engaja naquela situação.

5.1 Crônica: o gênero textual discursivo

A crônica teve origem na prosa francesa, quando o jornal estava em alta, teve seu espaço, juntamente com o folhetim. Podendo diferir-se de crônica histórica e crônica jornalística, o primeiro “assume, portanto, o caráter de relato circuncidado sobre feitos, cenários e personagens, a partir da observação do próprio narrador” e a jornalística, que ganha espaço para os colunistas de jornais afim de relatar acontecimentos pessoais (DE MELO, 2002).

A palavra Crônica tem origem grega (*Khronos*= tempo), e significa relato objetivo de acontecimentos dentro da sequência de tempo inserida, sendo portanto, um gênero histórico. Na língua portuguesa brasileira, a palavra “crônica” pode ser definida a partir do que foi citado anteriormente e também, pode ser um pequeno comentário publicado em jornal ou revista, a partir de fatos reais ou imaginários.

A primeira, o gênero histórico; a segunda, em que a crônica adquire um feito literário e jornalístico, como comentário dos acontecimentos sociais, políticos, literários, artísticos, do momento através dos folhetins; a terceira, a atual, na qual o gênero se tornou especificamente literário e poético, correspondente às solicitações e ao ritmo do momento, não obstante aparecer ainda como colaboração jornalística (COUTINHO, 1982, p. 26-27).

Por ser curta e de linguagem simples, a crônica pode atingir leitores de várias idades, aproximando o leitor pela utilização da linguagem coloquial na fala dos personagens. Há também sátira, ironia, demonstração dos sentimentos e reflexões do dia a dia, o cronista tende a dialogar com o leitor de uma forma íntima e informal, como em uma conversa sobre fatos que acontecem. Personagens comuns que podem facilmente dialogar com contexto do leitor, por geralmente se tratar de fatos reais e ser de cunho jornalístico, o cronista e seu olhar crítico conecta os leitores com os fatos de seu tempo. Marcada pelos comentários do próprio autor, em

DIVERSIDADE DE TAREFAS E CRIATIVIDADE NA LEITURA DE CRÔNICAS: uma abordagem transdisciplinar para integrar o cotidiano escolar

subjetividades, perturbando a quem lê, melhorando a perspectiva do jornal. A crônica explora os fatos, e ultrapassa.

Dessa forma, para Nery (2009, online), ³pode-se dizer também que “é uma mistura de jornalismo e literatura”, pois “de um recebe a observação atenta da realidade cotidiana e do outro a construção da linguagem, o jogo verbal”.

Sá (2008, p. 5) afirma que:

A carta de Pero Vaz de Caminha ao rei D. Manuel assinala o momento em que, pela primeira vez, a paisagem brasileira desperta o entusiasmo de um cronista, oferecendo-lhe a matéria para o texto que seria considerado a nossa certidão de nascimento.

O autor define também que Caminha é o primeiro cronista da literatura brasileira, pois “recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes, naquele instante de confronto entre a cultura europeia e a primitiva” (2008, p. 5).

Para Sá (2008 p. 6), o texto de Caminha é considerado uma crônica, por retratar de forma “fiel às circunstâncias”, os detalhes isolados, do seu “após ter ido à terra para lá andar com eles e saber do seu viver e maneiras” que, reunidos dentro do contexto histórico, transforma-os em uma narrativa de alto significado e importância.

Sá (2008, p. 7) faz outro alerta de que: “muitos pensam que narrativa curta é sinônimo de conto, perdendo de vista os gêneros” e esclarece que: “o conto tem uma densidade específica, centrando-se na exemplaridade de um instante da condição humana, sem que essa se refira à valoração moral, já que uma grande mazela pode muito bem exemplificar uma das nossas faces”.

A valorização moral é uma das características do conto não encontrada na crônica, o que a difere do mesmo.

Nota-se também que a crônica de Caminha, mesmo sendo extensa, registra, de forma circunstancial, um fato que não fica preso apenas a uma pessoa, no caso o rei, mas que abrange, de maneira especial muitas outras, amantes da literatura, que formam um público específico.

Sá (2008, p. 8) destaca ainda que: “crônica é direcionada a um público que tem preferência pelo jornal em que ela é publicada” e que a mesma normalmente “se integra a uma coletânea catalogada geralmente pelo próprio cronista.”

Sá (2008) também faz uma explanação, destacando o caminho da crônica, antes chamada de folhetim, por ocupar pequenos espaços nos jornais, em que eram publicados pequenos trechos literários como, contos, artigos, ensaios, ou poemas em prosa, relatando fatos diários ou semanais, até os dias atuais.

³ NERY, A. Crônica: Gênero entre jornalismo e literatura. Disponível em <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/cronica-genero-entre-jornalismo-e-literatura.htm>>. Acesso em: 29 jul. 2018.



ALONSO, A. M.; FRANCISCO, J. C. S.; RUFINI, M. S.; OLIVEIRA, S. F. P.

Nesse contexto, surge, na década de 20, a observação de Barreto, jornalista, cronista, tradutor e teatrólogo brasileiro, de que a modernização das cidades pedia uma mudança, na forma de escrever dos jornalistas, que por experiência do próprio observador, exigiu que os cronistas fossem até os locais de acontecimentos dos fatos o que dava mais vida aos mesmos e acabou por transformar também a linguagem jornalística e a estrutura dos referidos folhetins. Com isso, João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto) passou a ser considerado “o cronista mundano por excelência” (Sá, 1978, p. 6), revestindo a crônica de mais característica literária, essa especificidade faz com que o relato dos acontecimentos deixe de ser tão formal e de interpretações subjetivas, permitindo a recriação dos mesmo de forma mais objetiva e real.

Assim, ao ler uma crônica, o leitor interpreta seu conteúdo como de fato tenha acontecido e tendo a impressão de ter em sua frente uma reportagem como função poética da linguagem, revestida das verdadeiras significações do que foi realmente descrito, sem nenhum “por acaso” que o cronista sabe que não é viável na elaboração de um texto literário uma vez que a crônica também é literatura.

5.2 Crônica “Na escola”

A crônica, face à riqueza trazida no gênero, foi selecionada com o objetivo de reproduzir em sala de aula uma atividade, por meio da transdisciplinaridade e criatividade.

Para o presente trabalho foi escolhida a crônica “Na escola”, de Carlos Drummond de Andrade (Anexo A). Está inserida no livro “Para gostar de ler, volume 2 - Crônicas”, publicado em 1978, pela Editora Ática, em versão didática, com crônicas de Fernando Sabino, Paulo Mendes de Campos, Rubem Braga e Carlos Drummond de Andrade, tendo, as crônicas divididas em quatro situações diferentes, sendo elas “Em casa”, “No trabalho”, “Na condução” e “Na rua”. O livro é de fácil acesso nas escolas de todo o Brasil.

A crônica “Na escola”, de Carlos Drummond de Andrade, passa-se em uma sala de aula, onde é iniciada uma votação, com o objetivo de decidir se a professora deveria ou não vestir calças todos os dias, como uniforme obrigatório. Expondo seus argumentos, de forma democrática, alguns estudantes responderam que sim, outros que não, alguns se abstiveram, mas por fim, a discussão acabou e resolveram continuar com a aula.

Pelo próprio gênero, a crônica é um texto de humor jornalístico por essência, e podemos ver a ironia relatada, que, muitas vezes, prefere-se ‘deixar para lá’ algumas questões sociais, quando há divergências de opiniões. Mas a reflexão sobre a temática sempre fica.

A crônica é gênero relevante, no âmbito escolar, por se tratar de um tipo textual que abrange a literatura e o jornalismo, de forma que seu conteúdo gere críticas e reflexões acerca de assuntos atuais, que condizem com a realidade, a qual o aluno está inserido. A relevância de se trabalhar com a presente crônica, no

DIVERSIDADE DE TAREFAS E CRIATIVIDADE NA LEITURA DE CRÔNICAS: uma abordagem transdisciplinar para integrar o cotidiano escolar

âmbito acadêmico, é que, além de estar diretamente relacionada ao cotidiano escolar, torna-o mais interessante e significativo para os alunos. A crônica também propõe uma análise e reflexão sobre o significado de democracia, e de como os estudantes podem ter participação ativa em tomadas de decisões, seja individualmente ou em conjunto.

O autor, Carlos Drummond de Andrade, nasceu em Itabira do Mato, em Minas Gerais, no dia 31 outubro de 1902. A partir de 1918, o poeta começou a ser reconhecido, por receber prêmios de concursos literários, no colégio Anchieta, no Rio de Janeiro. Foi um grande poeta público por ter se situado no modernismo. Foi aclamado pelos críticos como o maior poeta brasileiro. Utilizava-se de extrema sensibilidade, inteligência e humor, quase sempre usava versos livres e uso da linguagem coloquial. Em suas obras, entrelaça a indignação da desigualdade social, com profundo lirismo, humor e a emoção contida. Suas poesias relatam angústias corriqueiras, e não é à toa, que se destacou no gênero das Crônicas, pelo fato de expressar o que o autor queria demonstrar (VOLPE, 2007, online)⁴.

A atividade proposta a ser trabalhada é de cunho transdisciplinar, e articula várias disciplinas, como sociologia, psicologia, política, e literatura, relevando o estudo de crônicas para os estudantes, como um transmissor de conhecimento global e contextualizado para o estudante. Trabalha a questão da cidadania, como experiência desafiadora, tendo como principal objetivo o engajamento responsável e comprometido de adolescentes e jovens, no processo de participação cidadã e democrática. Incluí-los, nos processos decisórios em todos os níveis (comunitário, local, estadual, federal, regional e internacional), garantindo que possam expressar opiniões e propor alternativas e soluções às questões que os afetam, portanto, a atividade se dá gradualmente, e com discussões relevantes.

A atividade remete à transdisciplinaridade, porque as questões sociais que tratam de democracia e cidadania estão em cada disciplina referida, mas fora de cada uma também, ao entorno delas. Por isso, permitem uma abordagem transdisciplinar. Trata-se de um encontro possível com os âmbitos internos e externos na produção do conhecimento.

A crônica é o texto motivador da temática e a questão fática para chamar a atenção do estudante sobre temática, a todo tempo, permeia os indivíduos. É a vida dentro da escola e dentro da sala de aula.

Na pesquisa de campo apresentada anteriormente, os estudantes solicitam atividades diferenciadas e propõem a participação em debates, solicitam que a voz estudantil seja ouvida. Neste trabalho, o debate entre estudantes, mediado pelos docentes, é a técnica contemplada. Assim, a criatividade, levando em conta os objetivos propostos pelo docente e os aspectos subjetivos trazidos, a partir de talentos e competências dos estudantes, já constituídos em experiências e

⁴ VOLPE, F. Carlos Drummond de Andrade. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/carlos-drummond-de-andrade-biografia-do-poeta/>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

[Digite texto]



ALONSO, A. M.; FRANCISCO, J. C. S.; RUFINI, M. S.; OLIVEIRA, S. F. P.

vivências, são potencializados, avaliados e reavaliados, com olhares a múltiplas perspectivas.

5.3 Sequência didática

A Sequência Didática (SD) é um instrumento de ensino com o propósito de instruir os docentes, não somente na disciplina de Língua Portuguesa, mas também em práticas sociais, ações interativas entre aluno e professor e intervenções abordadas no âmbito escolar. Um conjunto de propostas de grau crescente de dificuldade (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004).

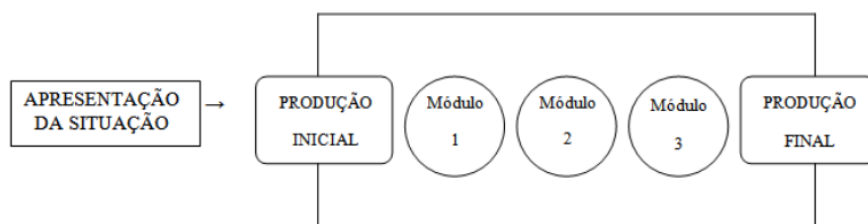
O que se espera da Sequência Didática é que os alunos desenvolvam capacidades de linguagem, através da leitura e da escrita,

capacidades de ação (relacionadas ao reconhecimento de contexto de produção do gênero); capacidades discursivas (relacionadas ao reconhecimento da arquitetura textual do gênero); e capacidades linguístico-discursivas (relacionadas ao reconhecimento e à utilização de mecanismos de textualização, valor das vozes e das modalizações para o efeito de sentidos do gênero) (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 80).

Observa-se a variedade de possibilidades de trabalho com sequências didáticas, no ensino de Língua Portuguesa, que perpassam a questão estrutural e chegam ao processo de conhecimento da produção de sentido.

Considerando, ainda, a sequência didática como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 52), apresenta-se o esquema básico da sequência didática.

Figura 1: Esquema de sequência didática de gêneros textuais



Fonte: Schneuwly; Dolz e colabs., 2004, p. 98.

1 - **Apresentação da situação:** Existem dois enfoques principais:

a) Abordar temas e problemáticas contemporâneas, com objetivos bem definidos, por meio de questões, como:

DIVERSIDADE DE TAREFAS E CRIATIVIDADE NA LEITURA DE CRÔNICAS: uma abordagem transdisciplinar para integrar o cotidiano escolar

- Que tipo de gênero será trabalhado? Para facilitar o entendimento, pode-se inicialmente, solicitar que os estudantes leiam contos, crônicas, etc.
- A quem é direcionado este trabalho?
- Quem fará parte deste trabalho?

b) Preparar os conteúdos dos textos que serão produzidos: a primeira fase possibilita transmitir aos estudantes todas as informações centrais para que tomem conhecimento do projeto comunicativo visado e a aprendizagem da linguagem a qual têm ligação. De modo geral, as sequências didáticas devem ser feitas através de um projeto de classe.

2 - **A produção inicial:** neste ponto, os estudantes iniciam a elaboração de um primeiro texto oral ou escrito, esboçando a primeira visão que têm desta atividade. As primeiras produções, que não deverão ser avaliadas, permitindo aprimorar a sequência e aperfeiçoando-a de acordo com o nível dos estudantes. A análise do desempenho dos estudantes pode ser executada de diversos modos como uma discussão, em classe, sobre o progresso do estudante, compartilhar os textos dos estudantes para avaliar os pontos positivos e negativos, a maneira como a escrita foi empregada ou o léxico utilizado na fala, etc.

3 - **Os módulos:** nesta etapa, o foco é a resolução dos problemas identificados na primeira produção, com o intuito de subsidiar soluções para os obstáculos encontrados pelos estudantes. Decompondo os elementos das produções individualmente, resultando em um panorama simplificado das atividades. Perante tal resultado pode-se levantar algumas questões, por exemplo: 1). Quais dificuldades de expressão oral ou escrita abordar? 2). Como construir um módulo para trabalhar um problema particular? 3). Como capitalizar o que é adquirido nos módulos?

4 - **A produção final:** cria a oportunidade para que o estudante consiga colocar em prática todo o conhecimento construído durante os processos anteriores. Permitindo também a avaliação do professor, direcionada ao que os estudantes internalizam no decorrer das produções (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, P. 80).

Face às discussões sobre sequências didáticas, apresentamos a sequência proposta para este trabalho, começando pelo esquema⁵:

⁵ SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim; e colaboradores. Gêneros orais e escritos na escola. Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. 3 ed. Campinas: Mercado das Letras, 2004. (Coleção As faces da linguística aplicada).

[Digite texto]



ALONSO, A. M.; FRANCISCO, J. C. S.; RUFINI, M. S.; OLIVEIRA, S. F. P.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA na escola

Apresentação da
Situação



2.1.1 Apresentação da situação - crônica

Primeiramente, o docente deve selecionar uma crônica e levar esta crônica para a sala de aula.

No presente trabalho, a crônica selecionada foi “Na escola” de Carlos Drummond de Andrade. O docente deve solicitar que um ou vários estudantes realizem a leitura em sala de aula, com o objetivo de introduzir o aluno no processo de interação.

Em seguida, os alunos serão questionados a respeito da crônica, a fim de ativar o conhecimento prévio dos alunos em relação ao conhecimento de mundo, gerar reflexão e debate acerca da democracia e participação cidadã.

Nesse momento, no final, os estudantes serão orientados que será realizado um debate, para desenvolvimento da expressão oral e da construção de argumentos. Deverá ficar evidente a temática que permeará a SD.

2.1.2 Produção inicial – temática

Com a colaboração dos estudantes, será feito o levantamento de temáticas contemporâneas, que também tenha uma interação com os estudantes em seu cotidiano, como: aborto, bullying e cyberbullying, redução da maioria penal, estereótipos, cotas, etc.

São temáticas que permitem serem vistas através de várias perspectivas, e são diversas disciplinas que se correlacionam para reflexão de uma

DIVERSIDADE DE TAREFAS E CRIATIVIDADE NA LEITURA DE CRÔNICAS: uma abordagem transdisciplinar para integrar o cotidiano escolar

realidade transdisciplinar.

Essa é uma forma de trazer a vida que esta depois dos muros da escola, para dentro da sala de aula, sendo uma forma de despertar o interesse dos estudantes.

2.1.3 Módulos

Quanto aos **módulos**, observam-se que se deve olhar para os problemas. Considerando, aqui, problema como uma expansão da temática objeto de estudo (democracia e cidadania), serão discutidas outras duas, oriundas da produção inicial, para realizar analogias, quanto às formas de análise ao respeito às diferenças e às várias perspectivas que os indivíduos podem acolher.

São propostos três módulos:

a) Módulo 1: Democracia e cidadania – Perspectivas positivas e negativas

– é o próprio objeto de estudo;

Módulo 2: Proibição do uso de celular na sala de aula; e Módulo 3: Xenofobia.

b) Módulo 1 – democracia e cidadania

Após terem sido selecionados os temas, o docente deve promover o debate em âmbito semântico, mas também discursivo.

Apresentar, aos alunos, o tema e conceito de direitos humanos, democracia e cidadania e exemplificar, direitos e deveres propiciados pela cidadania e democracia usando o próprio cotidiano dos alunos.

Para o início das práticas, os alunos serão questionados sobre o seu conhecimento prévio sobre o assunto e as polêmicas acerca do tema.

Em seguida, deverão se posicionar, contra, a favor ou se absterem diante a proibição do uso do celular em sala de aula.

Os alunos serão motivados a pontuar pontos positivos e negativos do uso do celular em sala de aula, e proporem práticas de ensino em que o celular seria um ponto positivo a agregar no ensino aprendizagem e não uma fonte de distração entre os estudantes.

c) Módulo 3 – xenofobia – refugiados imigrantes

No caso, foi selecionada como temática final “Xenofobia - refugiados imigrantes”, em que os alunos deverão realizar pesquisas sobre a temática para terem argumentos para discutir a favor ou contra a referida temática, de forma que se posicionem a favor, contra ou optarem por se manterem neutros diante da



situação.

Haverá um momento, em que os estudantes irão expor seus argumentos, afim de defender seu ponto de vista, inclusive os que não têm um posicionamento.

2.1.2 Abordar uma metodologia criativa, que promova os diferentes tipos de tarefas e atividades, pode ser um caminho, para gerar estudantes Produção final – debate/tribunal

Na **produção final**, será constituído um tribunal na sala de aula. Aos estudantes, serão atribuídas as funções de juízes, testemunhas a favor, testemunhas contra, indivíduos imparciais etc. O objetivo é que os estudantes, inseridos em diversos papéis sociais, posicionem-se e construam argumentos que persuadam os demais. No caso, a mediação do docente é relevante, para motivar e potencializar os argumentos. Os estudantes deverão estar cientes de que um discurso fundamentado, em negociações, carrega poder e status, em um grupo. Nesse sentido, um exercício significativo para construir a competência em oralidade.

Após as discussões, o professor deverá levantar uma discussão tratando da questão do respeito às diferenças, respeito aos diversos posicionamentos e das intervenções que podem ser feitas a respeito da situação, para que se garanta o bem-estar coletivo, e que todos tenham seus direitos humanos respeitados.

Para D'Ambrósio (1997, p. 70), “educação é a estratégia definida pelas sociedades para levar cada indivíduo a desenvolver seu potencial criativo, e para desenvolver a capacidade dos indivíduos de se engajarem em ações comuns”.

Com a proposta da SD, observa-se que a competência atrelada às capacidades de ação, ou seja, o entendimento dos estudantes sobre a produção da argumentação e da oralidade será desenvolvida e ampliada. Também as capacidades discursivas, atreladas à estrutura dos gêneros crônica, debate, júri poderão ser desenvolvidas com os estudantes, em aprofundamento na função social de cada um dos textos. Por fim, as capacidades linguísticas e discursivas, relacionadas aos mecanismos de construção do sentido poderão ser potencializadas. Em cada gênero estudado, o estudante poderá observar os impactos de sentido interno e externos aos textos.

6 Considerações finais

Retomando o objetivo geral da pesquisa que foi apresentar subsídios, para diversificar a prática docente do professor de Língua Portuguesa, em práticas de leituras de crônicas, discutidas, a partir de uma sequência didática, e que possibilitam trazer o cotidiano para dentro da escola, aplicadas a estudantes dos níveis fundamental e médio, a fim de movimentar o cotidiano escolar e dar voz aos

aprendizes, é possível considerar.

Após a realização da pesquisa exploratória com estudantes da educação básica, constatou-se o desinteresse pela escola, pelos conteúdos e metodologias por ela desenvolvidos. Os estudantes solicitam atividades mais dinâmicas e práticas e, ainda, apontam a necessidade de ter voz e participar da instituição escolar.

Nesse sentido, no presente trabalho, foram estudadas as questões ligadas à disciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, tendo, nesta última, uma alternativa para tornar as discussões, nas aulas de Língua Portuguesa, mais voltadas para a vida concreta, com temáticas que perpassam pelas várias disciplinas escolares e também por aquelas que estão no entorno.

Ainda, foram necessários estudos sobre criatividade epistemológica, não aquele fruto de um *insight*, mas a que se concretiza no estabelecimento de objetivos, por um docente, que aproveita das questões e ambições subjetivas de seus estudantes, para traçar metodologias que promovam a efetiva construção de argumentos e de conhecimento.

Para ilustrar a proposta do trabalho, foi elaborada uma sequência didática, contando com o apoio do gênero crônica, pois este é voltado ao cotidiano e à vida significativa imediata dos estudantes.

A sequência didática foi o método utilizado para transpor outros temas, além da cidadania e da democracia, de forma transdisciplinar, além da disciplina de Língua Portuguesa, passando pela psicologia, sociologia, filosofia, pois a democracia e a cidadania estão em disciplinas e em torno delas.

Foi apontado como relevante, também, o debate sobre a leitura de crônicas em sala de aula, de forma criativa, propondo reflexões e interações, como pesquisas, produções de texto e construção de argumentações, em forma de tribunal, entre os estudantes, cujo objetivo é que, inseridos em diversos papéis sociais, posicionem-se e construam argumentos que persuadam os demais, tornando-os protagonistas, na construção e desenvolvimento das atividades.

Portanto, conclui-se que o presente trabalho contribui, de forma significativa, ao investigar os interesses e as reivindicações dos estudantes, dando voz participativa aos mesmos, provendo saberes, de forma transdisciplinar, ao apresentar diversas perspectivas que permeiam o cotidiano do aluno dentro e fora da escola, em diversas disciplinas, produzindo uma construção integral do conhecimento.

Fica a certeza de que a vontade e a perseverança do docente que planeja, executa e avalia, a partir de atividades linguísticas e discursivas, podem produzir estudantes mais questionadores, reflexivos e criativos.

Referências

[Digite texto]



ALONSO, A. M.; FRANCISCO, J. C. S.; RUFINI, M. S.; OLIVEIRA, S. F. P. ANDRADE, Carlos Drummond de. et al. *Para gostar de ler: crônicas*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1978.

BASTOS, H. 2018. *Sobre inter e transdisciplinaridade*. Disponível em: <<http://www.construirnoticias.com.br/disciplinaridade-multi-inter-e-trans/>>. Acesso em out. 2018.

CASTRO, G; GALENO, A. (Orgs.). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002. Coleção ensaios transversais.

COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global, 2001. v. 2.

_____. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria. *A literatura no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Global, 1997. v. 6, p.117-143. Disponível em: <<http://perso.club-internet.fr/nicol/ciret/>>. Acesso em out. 2018.

D'AMBRÓSIO, U. *Transdisciplinaridade*. São Paulo: Pala Atena, 1997.

DOLZ J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e escrita: apresentação de um procedimento. In: _____. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 52 - 98.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?* São Paulo: Loyola, 1979.

_____. *Interdisciplinaridade: um projeto em parceria*. São Paulo: Loyola, 1991. Coleção Educar. v. 13.

FOUREZ, G. Fondements épistémologiques pour l'interdisciplinarité. In LENOIR, Y.; REY, Bernard e FAZENDA, Ivani (Orgs.). *Les fondements de l'interdisciplinarité dans la formation à l'enseignement*. Sherbrooke. Canadá: 2001, p. 81-83 apud BASTOS, Heloisa. 2018. Disponível em: <<http://www.construirnoticias.com.br/disciplinaridade-multi-inter-e-trans/>>. Acesso em: 14 ago. 2018.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

LENOIR, Y. *L'interdisciplinarité: aperçu historique de la genèse dun concept*. Cahiers de la recherche en éducation, v. 2, n. 2, 1995, p. 227-265 apud BASTOS, Heloisa, 2018. Disponível em: <<http://www.construirnoticias.com.br/disciplinaridade-multi-inter-e-trans/>>. Acesso em 3 ago. 2018.



DIVERSIDADE DE TAREFAS E CRIATIVIDADE NA LEITURA DE CRÔNICAS: uma abordagem transdisciplinar para integrar o cotidiano escolar

MACIEL, Willyans. Epistemologia. *Infoescola*. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/filosofia/epistemologia/>>. Acesso em 30 set. 2018.

MARLI, A. (Org.). *Práticas inovadoras na formação de professores* [livro eletrônico]. Campinas: Papyrus, 2017.

MEHEUS, J.; NICKLES, T. The methodological study of creativity and discovery: some background. *Foundations of Science*, 4, 231-235 *apud* PINHEIRO, I. R.; CRUZ, R. M. (2009). Fundamentos históricos e epistemológicos da pesquisa objetiva em criatividade. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 4, p. 498-507, out/dez. 2009.

MELO, José Marques. Crônica. In. CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. *Jornalismo e literatura*. São Paulo: Escrituras, 2002.

MORAES, Maria Cândida. *Transdisciplinaridade, criatividade e educação: fundamentos ontológicos e epistemológicos* [livro eletrônico]. Campinas, SP: Papyrus, 2016. (Coleção Práxis).

MORIN, E. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

NERY, A. Crônica: gênero entre jornalismo e literatura. *Educação Uol*. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/cronica-genero-entre-jornalismo-e-literatura.htm>>. Acesso em 29 jun. 2018.

NICOLESCU, B. *A Evolução transdisciplinar: a universidade como condição para o desenvolvimento sustentável*. Disponível em: <<http://perso.club-internet.fr/nicol/ciret/>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

_____. *O manifesto da transdisciplinaridade*. Tradução do Francês por Lúcia Pereira de Souza. São Paulo, Triom: 1999.

OLIVEIRA, J. *Modelo de educação básica fracassa nas escolas do Brasil*. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/2018/09/03/internas_educacao,985523/modelo-de-ensino-basica-fracassa-nas-escolas-do-brasil.shtml>. Acesso em: 15 set. 2018.

ORMANAZE, F. *Entre ser dândi, flâneur e militante, um carioca chamado João do Rio*. Universidade Metodista de São Paulo. Disponível em: <<http://portal.metodista.br/mutirao-do-brasileirismo/cartografia/verbetes/america-do-sul/joao-do-rio-2>>. Acesso em 11 set. 2018.

[Digite texto]



ALONSO, A. M.; FRANCISCO, J. C. S.; RUFINI, M. S.; OLIVEIRA, S. F. P.

PINHEIRO, I. R.; CRUZ, R. M.. Fundamentos históricos e epistemológicos da pesquisa objetiva em criatividade. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 4, p. 498-507, out/dez. 2009.

PINHEIRO, I. MCD – método criativo em design: uma proposta com base nas áreas de inteligência artificial, psicologia, metodologia de projetos e criação de produtos. *Estudos em Design*, v. 12, n. 2, p. 37-51, 2004.

PUJOL, M. A. M. A transdisciplinaridade na educação infantil. In: TORRE, S.; PUJOL, M. A. M.; MORAES, M. C. (Orgs.). *Transdisciplinaridade e ecoformação: um olhar sobre a educação*. Tradução de Suzana Vidigal. São Paulo: TRIOM, 2008.

RACHID, L.. Cenário da educação básica no Brasil é alarmante, aponta Ideb: Qualidade na formação do professor e modelo de ensino precisam de mais atenção. *Revista Educação*, 2018. Disponível em: <<http://www.revistaeducacao.com.br/cenario-da-educacao-basica-no-brasil-e-alarmante/>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Atlas, 1999.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 2008.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. 3. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2004. (Coleção: As faces da linguística aplicada).

STERNBERG, R., LUBART, T. Investing in creativity. *American Psychologist*, 51, 7, 677-688 *apud* PINHEIRO, I. R.; CRUZ, R. M.. Fundamentos históricos e epistemológicos da pesquisa objetiva em criatividade. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 4, p. 498-507, out/dez. 2009.

_____. The concept of creativity: prospects and paradigms. In: R. Sternberg (Ed.). *Handbook of creativity* (p. 3-15). Nova Iorque: Cambridge University Press *apud* PINHEIRO, I. R.; CRUZ, R. M.. Fundamentos históricos e epistemológicos da pesquisa objetiva em criatividade. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v. 40, n. 4, p. 498-507, out/dez. 2009.

VOLPE, F. (2007) Carlos Drummond de Andrade. *Guia do estudante*. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/carlos-drummond-de-andrade-biografia-do-poeta/>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

ZORZAL, M.; BASSO, I.. Por uma ontologia da criatividade: uma abordagem histórico-cultural. In: A. SILVA, A. Abramowicz Bittar (Ed.). *Educação e Pesquisa: diferentes percursos, diferentes contextos*. São Carlos: Rima. p. 203-218.

Anexo A

Democrata é Dona Amarílis, professora na escola pública de uma rua que não vou contar, e mesmo o nome de Dona Amarílis é inventado, mas o caso aconteceu.

Ela se virou para os alunos, no começo da aula, e falou assim:

-- Hoje eu preciso que vocês resolvam uma coisa muito importante.

Pode ser?

-- Pode – a garotada respondeu em coro.

-- Muito bem. Será uma espécie de plebiscito. A palavra é complicada, mas a coisa é simples. Cada um dá sua opinião, a gente soma as opiniões e a maioria é que decide. Na hora de dar opinião, não falem todos de uma vez só, porque senão vai ser muito difícil eu saber o que é que cada um pensa. Está bem?

-- Está – respondeu o coro, interessadíssimo.

-- Ótimo. Então, vamos ao assunto. Surgiu um movimento para as professoras poderem usar calça comprida nas escolas. O governo disse que deixa, a diretora também, mas no meu caso eu não quero decidir por mim. O que se faz na sala de aula deve ser de acordo com os alunos. Para todos ficarem satisfeitos e um não dizer que não gostou. Assim não tem problema. Bem, vou começar pelo Renato Carlos. Renato Carlos, você acha que sua professora deve ou não deve usar calça comprida na escola?

-- Acho que não deve – respondeu, baixando os olhos.

-- Por quê?

-- Porque é melhor não usar.

-- E por que é melhor não usar?

-- Porque minissaia é muito mais bacana.

-- Perfeito. Um voto contra. Marilena, me faz um favor, anote aí no seu caderno os votos contra. E você, Leonardo, por obséquio, anote os votos a favor, se houver.

-- Agora quem vai responder é Inesita.

-- Claro que deve, professora. Lá fora a senhora usa, por que vai deixar de usar aqui dentro?

-- Mas aqui dentro é outro lugar.

-- É a mesma coisa. A senhora tem uma roxo-cardeal que eu vi outro dia na rua, aquela é bárbara.

-- Um a favor. E você, Aparecida?

-- Posso ser sincera, professora?



ALONSO, A. M.; FRANCISCO, J. C. S.; RUFINI, M. S.; OLIVEIRA, S. F. P.

- Pode, não. Deve.
- Eu, se fosse a senhora, não usava.
- Por quê?
- O quadril, sabe? Fica meio saliente...
- Obrigada, Aparecida. Você anotou, Marilena? Agora você, Edmundo.
- Eu acho que Aparecida não tem razão, professora. A senhora deve ficar muito bacana de calça comprida. O seu quadril é certinho.
- Meu quadril não está em votação, Edmundo. A calça sim. Você é contra ou a favor da calça?
- A favor 100%.
- Você, Peter?
- Pra mim tanto faz.
- Não tem preferência?
- Sei lá. Negócio de mulher eu não me meto, professora.
- Uma abstenção. Mônica, você fica encarregada de tomar nota dos votos iguais ao de Peter: nem contra nem a favor, antes pelo contrário.
- Assim iam todos, votando, como se escolhessem o Presidente da República, tarefa que talvez, quem sabe? No futuro sejam chamados a desempenhar. Com a maior circunspeção. A vez de Rinalda:
- Ah, cada um na sua.
- Na sua, como?
- Eu na minha, a senhora na sua, cada um na dele, entende?
- Explique melhor.
- Negócio seguinte. Se a senhora quer vir de pantalona, venha. Eu quero vir de midi, de máxi, de short, venho. Uniforme é papo furado.
- Você foi além da pergunta, Rinalda. Então é a favor?
- Evidente. Cada um curtindo à vontade.
- Legal! – exclamou Jorgito. – Uniforme está superado, professora. A senhora vem de calça comprida, e a gente aparecemos de qualquer jeito.
- Não pode – refutou Gilberto. – Vira bagunça. Lá em casa ninguém anda de pijama ou de camisa aberta na sala. A gente tem de respeitar o uniforme.
- Respeita, não respeita, a discussão esquentou, Dona Amarílis pedia ordem, ordem, assim não é possível, mas os grupos se haviam extremado, falavam todos ao mesmo tempo, ninguém se fazia ouvir, pelo que, com quatro votos a favor de calça comprida, dois contra, e um tanto-faz, e antes que fosse decretada por maioria absoluta a abolição do uniforme escolar, a professora achou prudente declarar encerrado o plebiscito, e passou à lição de História do Brasil.



DIVERSIDADE DE TAREFAS E CRIATIVIDADE NA LEITURA DE CRÔNICAS: uma abordagem transdisciplinar para integrar o cotidiano escolar